

## Preconceito e discriminação nas múltiplas velhices

Jordana Brandão Pin



### Introdução

Com o avanço da industrialização e da cultura neoliberal, a sociedade passa a valorizar cada vez mais a produtividade e a inserção social baseada no consumo. Com isso, a velhice passa a ser um problema a ser evitado, levando sempre uma conotação negativa, ligada geralmente a estereótipos como a fragilidade, lentidão, doenças e dependência.

A partir daí, o modelo neoliberal tenta a todo custo vender a “cura” da velhice com cosméticos e remédios que tentam retardar os sinais físicos do envelhecimento (fortalecendo assim o consumo desses produtos) e também a partir de uma “pregação” constante de um modelo de velhice perfeita, baseada numa produtividade exagerada.

Esse modelo exclui e culpabiliza, assim, uma boa parte da população mais velha, que ao longo de sua história de vida tiveram uma série de dificuldades de acesso à direitos e serviços que impossibilitaram que vivessem nesse momento uma “velhice ideal” nos termos que o capitalismo impõe.

No artigo “Velhice: entre destinos e histórias” (2016), Sant’Anna explicita muito bem as “duas faces” do entendimento da velhice na sociedade contemporânea:

(...) o entendimento da velhice parece oscilar entre duas dimensões: uma que a transforma em sinônimo de uma sucessão de perdas, como se ela fosse necessariamente uma espécie de decrepitude sem volta; outra que a aproxima de uma vida propícia à meditação, à contemplação e ao equilíbrio.

Esses estereótipos de fragilidades e perdas já citados e os modelos idealizados de velhice na sociedade podem gerar preconceito e discriminação, impactando diretamente na forma como as pessoas mais velhas são tratadas na sua vida cotidiana, pelos familiares, vizinhos, pelos profissionais dos serviços que acessam e podem impactar na forma como elas mesmo se veem e como veem as outras pessoas da mesma faixa etária.

Cabe lembrar que o “ser velho” é visto de maneira diferente para cada indivíduo, a partir de sua experiência de vida e, que seu espaço na sociedade também é

determinado por outras variáveis além da idade (gênero, raça, sexualidade, classe social e etc).

O objetivo deste texto é trazer para a reflexão o quanto as discriminações causadas pelos estereótipos e modelos de velhice acima citados reverberam no cotidiano das pessoas velhas, no entendimento de si mesmas e dos outros velhos de sua convivência.

Foi decidido, para a construção deste texto, aplicação de um questionário estruturado com três perguntas, que percorrem as relações dos entrevistados com os mais jovens, dos entrevistados com os serviços ofertados pela sociedade e a relação do próprio entrevistado consigo mesmo e com os outros velhos.

Esse questionário foi aplicado com três pessoas com mais de 60 anos, com características distintas, que apesar da faixa etária em comum são tão diferentes em suas vivências e experiências, demonstrando a pluralidade da velhice que muitas vezes é homogeneizada no imaginário social.

### **Perfil dos Entrevistados**

O Entrevistado 1 é um homem preto de 61 anos de idade. Ainda está inserido no mercado de trabalho. Funcionário público da área da saúde, exercendo a função de auxiliar de laboratório. Completou o ensino superior na área de comunicação, mas não trabalha na área.

O Entrevistado 2 é uma mulher preta de 81 anos de idade. Já se aposentou e não exerce mais nenhuma função no mercado de trabalho, antes da aposentadoria trabalhava como professora. Também possui ensino superior completo.

O Entrevistado 3 é uma mulher branca de 82 anos de idade. É beneficiária do Benefício de Prestação Continuada. Começou a trabalhar com 13 anos de idade, porém, assim que casou dedicou-se ao cuidado do lar. Estudou até a 4ª série do ensino primário.

### **Relação com os mais jovens**

A primeira pergunta do questionário se referia a relação dos entrevistados com as pessoas mais jovens ao seu redor, como familiares, vizinhos e conhecidos. O Entrevistado 1, ao ser questionado a esse respeito, foi bem categórico ao dizer que não se sentia tratado de forma diferenciada por conta da sua idade, justificou dizendo: \_“Talvez pelo meu estilo jovial e descontraído de ser, muito pelo contrário, sinto-me bem integrado”.

Nessa fala já é possível identificar que para o entrevistado 1 ele não é tratado de forma diferente, mas, ele mesmo aponta que não é porque as pessoas o respeitam enquanto velho, mas, sim, porque ele se adapta ao estilo que considera jovial.

Isso reflete a juventude como um valor e uma qualidade a ser atingida, Denise Pollini (2014) apresenta este conceito quando aponta que

(...) a partir do final do século XIX começa a ser construído o conceito de que a juventude incorporaria estes valores: rapidez, abertura para a novidade, flexibilidade passaram a ser sinônimos de juventude. Ser jovem passou a ser um adjetivo.

A entrevistada 2, quando realizamos a pergunta a respeito da sua relação com os mais jovens, respondeu \_“eu tenho sido bem tratada por pessoas mais jovens, embora, os bem mais jovens eu tenho a impressão que eles olham para mim como se estivesse olhando para um *alien*, mas nunca fui maltratada.”

Esse olhar diferenciado é muito comum quando o assunto é preconceito e discriminação. Quando pensamos no *alien* enquanto símbolo no imaginário social que representa o diferente, o estranho, geralmente algo que desejo manter distante. Ao manter distância e evitar a convivência, dificulta-se a desconstrução de estereótipos, que acaba fortalecendo e mantendo o preconceito enraizado.

A entrevistada 3 apontou que os mais jovens costumam ignorar sua presença, mesmo em sua própria casa, sem cumprimentá-la quando chegam. Já nessa questão, pela apresentação dos entrevistados, é perceptível que as respostas diferenciadas se dão por conta do perfil apresentado.

Enquanto o Entrevistado 1, ainda ativo e com 61 anos, se integra melhor com os mais jovens por conta de aparentar poucas fragilidades e maior “jovialidade” dentro dos valores sociais; as entrevistadas 2 e 3 conseguem menores aproximações, uma vez que são vistas como “estranhas” pelos mais jovens.

### **Relações nos serviços públicos e privados**

A segunda questão se referia ao tratamento que os mais velhos recebem no acesso aos serviços do cotidiano, como idas ao banco, lotéricas, consultas médicas, transporte público e etc. O Entrevistado 1, novamente, não identificou diferença no tratamento.

A Entrevistada 2 trouxe a seguinte fala: \_“eu acho que até mesmo por causa da cor e da idade, todo mundo me acha analfabeta, vem sempre alguém querendo me ajudar a preencher alguma coisa, ou até meu oftalmo me perguntou se eu sabia ler, quer dizer, eu devo passar a impressão assim né”. A Entrevistada 3 contou que em determinado momento no transporte público se sentiu desrespeitada, quando um homem mais jovem tomou a entrevistada no colo para ajudá-la a descer do ônibus, usou a seguinte expressão: \_“ ele me pegou no colo como se eu fosse criança, eu fiquei com muita raiva”.

O preconceito e a discriminação devido à idade são somados aos outros preconceitos que acompanham os indivíduos durante toda sua história, como o machismo, o racismo e a "LGBTfobia" influenciando, assim, o tratamento que os velhos recebem nos espaços de acordo com as múltiplas velhices existentes na sociedade, que se torna evidente nos depoimentos dos entrevistados nessa questão.

A Entrevistada 3 passa por situações de diferença de tratamento levando em consideração o estereótipo da fragilidade física e a infantilização dos mais velhos, que são incentivos comuns para prática do preconceito e discriminação ligados às

peças de idade mais avançada. A Entrevistada 2 também passa por isso, mas com mais um fator envolvido, o racismo estrutural que está impregnado em nossa sociedade que vê o preto como inferior.

Sendo assim, ela percebe que por conta de sua cor é vista não só como frágil fisicamente, mas, também, como incapaz intelectualmente apesar de ter formação no ensino superior. Isso tem impacto direto na sua autoestima.

### **Relações consigo e com os outros velhos**

A terceira questão envolvia o olhar dos entrevistados sobre si próprio e outros velhos do seu cotidiano. A intenção era, a partir das respostas, realizar uma reflexão sobre como os estereótipos, que geram o preconceito, estão impregnados na sociedade e são reproduzidos até pelos próprios velhos.

Nessa questão o Entrevistado 1 disse: \_“Eu não curto ouvir idosos falando gírias dos netos(...) aqui perto de casa, tinha uma senhora de cabelos bem grisalhos, com idade bastante avançada, que usava mini-saia. Eu achava muito incomum quando eu a via.” A Entrevistada 2 disse que \_“velho tem que ficar dormindo, assistindo TV, não tem que ficar dançando e cantando, isso eu acho feio. Também não acho que combina mulheres velhas com cabelo longo, parece que quer ser mocinha.”

A fala sobre a minissaia traz a questão do corpo velho como um corpo estranho que deve sempre estar coberto, ideia impregnada na sociedade e transmitida às crianças. Em " O Corpo Bagulho: ser velho nas perspectivas das crianças", Ramos (2009) aponta que as crianças também são enfáticas ao dizer que as mulheres velhas devem esconder seus corpos.

O corpo idoso mostra-se, então, como um corpo que deve ficar enclausurado, encerrado, contido, sendo desvendado ao outro apenas o que é estritamente necessário (...). Nas falas das crianças podemos observar que esse disciplinamento é visivelmente mais intenso para as mulheres idosas.

O fato de as mulheres serem mais afetadas está intimamente ligada à questão do machismo estrutural, as mulheres velhas além do preconceito devido à sua idade sofrem, ainda, com discriminações devido ao sexismo.

### **Conclusão**

A partir das entrevistas realizadas e da bibliografia consultada, foi possível refletir sobre os efeitos dos estereótipos que perpassam o imaginário social quando o assunto é velhice.

Estereótipos estes que geram no cotidiano dessas pessoas uma série de situações em que se sentem discriminadas. Além disso, impactam diretamente suas relações com os mais jovens, o seu acesso aos serviços e, também, afeta sua autoestima.

O preconceito contra o velho vai ser sentido de forma diferente e sofrido de forma distinta, de acordo com as suas características, somando o idadismo ao racismo,

machismo como vimos nos relatos dos entrevistados, visto que existem múltiplas formas de ser velho.

Cabe à sociedade refletir sobre o assunto da velhice, para que seja possível desconstruir ideias pré-concebidas e possibilitar maior qualidade de vida. Apenas desapegando dos estereótipos da velhice e compreendendo que os velhos não são um grupo homogêneo, mas, sim sujeitos com vivências distintas é que será possível acabar com as discriminações e preconceitos que os indivíduos velhos sofrem no seu cotidiano.

## Referências

DEBERT, Guita Grin e HENNING, Carlos Eduardo. Velhice, Gênero e Sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *mais60 - Estudos Sobre Envelhecimento*. Volume 26. Número 63. p.08-30. Dezembro de 2015.

POLLINI, Denise. O envelhecimento e a moda: tecendo reflexões. *mais60 - Estudos Sobre Envelhecimento*. Volume 25. Número 61. Novembro de 2014.

RAMOS, Anne Carolina. O Corpo-bagulho: ser velho na perspectiva das crianças. *Educação e Realidade*. V.34. n.2. p.239-260. Mai/Ago de 2009.

RIFIOTIS, Theophilos. O idoso e a sociedade moderna: desafios da gerontologia. *Pro-Posições*. v. 18. n. 1. p-137-151. Jan/Abr de 2007.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Velhice: Entre destino e história. *mais60 - Estudos Sobre Envelhecimento*. Volume 27. Número 66. p.8-19. Dezembro de 2016.

SANTOS, César Simoni. O espaço da metrópole, o tempo dos velhos e a alienação urbana. *mais60 - Estudos Sobre Envelhecimento*. Volume 27. Número 64. p.8-31. Abril de 2016.

*Data de recebimento: 30/11/2021; Data de aceite: 15/01/2022*

---

**Jordana Brandão Pin** - Graduada em Serviço Social pela PUC-SP. Estagiou nas áreas de habitação e violência doméstica e familiar contra a mulher. No momento, atua como assistente social em Centro de Referência de Assistência Social, localizado na cidade de Francisco Morato (SP). Trabalho escrito no curso "Fragilidades na Velhice: gerontologia social e atendimento", da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no segundo semestre de 2021. Email. jordanabran6@gmail.com